



## **O CUIDADO COM O OUTRO: RELATO DO CONVÍVIO COM ALUNO NEURODIVERGENTE DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM UMA TURMA DE ENSINO FUNDAMENTAL.**

**Mikael Silva de Oliveira<sup>1</sup>, Lorrana Rosa da Silva<sup>2</sup>, Jeanne Barros Leal de Pontes Medeiros<sup>3</sup>.**

### **Resumo:**

Durante o processo de formação em um curso de licenciatura, torna-se obrigatória ao licenciando sua passagem por experiências práticas para o exercício do magistério, tendo em vista a complexidade e diversidade do ambiente escolar. A neurodiversidade constitui um dentre as múltiplas facetas encontradas no espaço da sala de aula, promovendo desafios e urgindo mudanças aos docentes. O estágio do referido discente ocorreu em uma escola privada, localizada na cidade de Fortaleza. Os períodos de observação e regência aconteceram em turmas de 6<sup>o</sup> a 7<sup>o</sup> anos, em ambos os turnos. Sendo assim, o presente relato visa compartilhar as experiências obtidas ao longo do estágio em uma turma de 6<sup>o</sup> ano composta por dois alunos neurodivergentes. Observou-se, portanto, com base nas experiências vividas, que as experiências puderam agregar de maneira positiva e significativa na formação do estudante de licenciatura, ampliando seu universo cultural e o mar de possibilidades no ensinar.

**Palavras-chave: Neurodiversidade. Educação básica. Vivências.**

### **1. INTRODUÇÃO.**

Durante o seu processo de formação em um curso de licenciatura, torna-se obrigatório ao licenciando a sua passagem por experiências práticas de exercício para capacitar-se para o magistério. Estas experiências constituem o período de estágio, comum a todos os cursos de licenciatura que ocorram em instituições de ensino, visando, principalmente, a preparação do estudante para a realidade da sala de aula. A sua obrigatoriedade é assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) - Lei nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996), cuja regulamentação se dá através da Resolução CNE/CP nº 2/2015 do Conselho Nacional de Educação.

A sala de aula constitui um espaço complexo, atravessado por pessoas e visões de mundo multifacetadas, apresentando, assim, uma configuração não-linear (SILVA; DOURADO; e SANTIAGO, 2016). Em função disso, o estágio visa fornecer o

conhecimento e a experiência necessárias para o estudante. Portanto, é responsável pelos subsídios teóricos e práticos, e, igualmente, pela ampliação do universo cultural dos professores ao lidar com a complexidade inerente a esse espaço (SCALABRIN; e MOLINARI, 2013).

Agarrada à sua complexidade, o ambiente escolar configura-se como um espaço diversificado. Ao tratar da questão da diversidade, menciona-se aspectos relativos às questões de gênero, raciais e, sobretudo, às problemáticas que orbitam a neurodiversidade nesses espaços.

A neurodiversidade abrange a categoria de indivíduos que apresentam condições neurológicas diversas, diferentes do convencionalmente estabelecido como normal. Contudo, são entendidas como variações naturais que expressam a diversidade humana (SINGER, 2017). De acordo com Alencar, Barbosa e Gomes (2021), pode-se entender como pessoas neurodivergente: autistas, pessoas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), pessoas com altas habilidades/superdotação (AH/ SD), dentre outras. Os demais indivíduos, ou seja, aqueles com o funcionamento cerebral considerado normal perante os critérios socialmente estabelecidos, são denominados “neurotípicos”.

As questões concernentes à neurodiversidade no ambiente escolar geram ruídos e atritos no processo de ensinar, haja vista que, no contexto social do Brasil, é uma pauta pouco explorada cujas pesquisas ainda são incipientes. Dessa maneira, raríssimas são as exceções de salas de aula adaptadas às demandas dessa categoria de entes.

Diante do exposto, o presente resumo constitui um relato de experiência das vivências experimentadas ao longo do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I (ESEF I), focalizando especificamente os aprendizados obtidos durante o estágio executado em uma turma de 6º (sexto) ano composta por dois alunos neurodivergentes. O ESEF I foi desenvolvido em uma instituição de ensino regular particular. A escola está localizada centralmente no bairro Parque Dois Irmãos, no território que corresponde ao Conjunto Mirassol. As turmas em que o estágio foi desenvolvido correspondem às turmas do 6º e 7º anos dos turnos matutino e vespertino.

Fundada em 1984, a instituição de ensino foi concebida pelo casal Francisco das Chagas Cândido de Oliveira e Maria de Fátima Lemos Pereira Cândido. Desde os princípios de sua fundação a escola especializou-se tanto no ensino infantil quanto no ensino fundamental e médio.

Atualmente, estão matriculados na instituição quinhentos e cinquenta e quatro alunos, distribuídos nos ensinos fundamental e médio. A grande maioria dos alunos matriculados residem em bairros e conjuntos próximos, sendo uma parcela pequena a que reside em bairros e conjuntos mais distantes do colégio.

O presente relato designou um recorte específico do período de observação e regência em uma turma de sexto ano do ensino fundamental. Visa lançar à luz do debate a experiência de ensinar em uma sala de aula composta por um aluno neurodivergente com base no relato pessoal do estagiário e seu período no estágio.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Observação em uma sala de aula neurodiversa**

A observação corresponde à etapa inicial do estágio supervisionado, período em que o estagiário habitua-se aos espaços onde terá de frequentar durante o período vigente do estágio supervisionado. Constitui, também, uma etapa onde o licenciando assiste às aulas do professor-supervisor, atentando-se ao seu ritmo, às devolutivas da turma ante à explicação do supervisor e acostumando-se às particularidades que rondam a relação das turmas e o professor. Ademais, representa um momento de aperfeiçoamento profissional e pessoal num movimento integrativo entre sociedade, escola e universidade.

A observação permite que o estagiário aproxime-se dos estudantes, do universo cultural particular de cada sala. Os olhos do licenciando observam e, principalmente, absorvem comportamentos, divisa as boas ações e identifica transgressões habituais à cada turma. Além disso, atenta-se, também, às demandas especiais de cada uma de suas turmas.

O período de observação abrangeu turmas de sexto e sétimo anos, nos dois períodos, matutino e vespertino. No total, somam-se duas turmas para cada série. Nas turmas de sétimo ano, não foram identificados alunos que requeressem adaptações metodológicas específicas em virtude de quaisquer deficiências intelectuais e físicas, transtornos cognitivos ou motores. Nestas turmas, observava-se claramente a despreocupação por parte do professor-supervisor em adaptar de alguma maneira a sua forma de ensino.

Quanto às turmas de sexto ano, apenas uma apresentou um quadro de alunos neurotípico, onde o professor-supervisor fora capaz de ministrar aulas normalmente. Contudo, em uma turma do sexto ano em específico, a presença de dois alunos neurodivergentes demandou uma adaptação no método de ensino do professor-supervisor.

A organização e o comportamento dos alunos em sala de aula, especificamente na turma em destaque, apresentaram diferenças significativas do que o observado nas demais turmas neurotípicas. O primeiro aluno, portador de deficiência intelectual grave, recorria ao acompanhamento por um profissional especializado, que o acompanhava e o orientava durante as aulas. A sensibilidade a diversos tipos de sons levou tanto o professor quanto os próprios alunos a colaborarem para que aulas mais silenciosas e com menos estímulos fossem mais frequentes.

O segundo aluno, portador de autismo, necessitava do apoio de tampões auditivos devido, também, à sua sensibilidade a barulhos de diversos tipos. A despeito das particularidades impostas pela sua condição, a capacidade argumentativa e a habilidade de realizar atividades relacionadas ao material didático e o conteúdo abordado nas aulas não era prejudicada.

As adaptações feitas pelo professor consistiam em aulas mais silenciosas e com menos práticas envolvendo estímulos estressantes aos dois alunos. Ademais, observou-se um zelo vindo do professor-supervisor ao tratar das questões pertinentes àquelas duas situações particulares. O esforço traduzia-se nos gestos, na compreensão e na amizade, revelando a força do vínculo entre professor e aluno.

Em ambos os casos, portanto, observa-se uma sala de aula empática e compreensiva em relação às especificidades dos colegas neurodivergentes, denotando um ambiente saudável e acolhedor, propício para o desenvolvimento dos dois alunos.

## **2.2 Período de regência em uma sala de aula neurodiversa**

A regência figura como a etapa do estágio onde o professor-estagiário, a partir da sua observação, testa as suas habilidades e passa a desenvolver sua capacidade de

transmissão de saberes em sala de aula. Destaca-se por ser uma importante etapa no processo de estágio, pois frequentemente é considerada como um divisor de águas na vida dos estagiários, um momento em que podem divisar e vislumbrar os horizontes com base na sua experiência.

O papel do professor-supervisor é colocado à prova durante esse período, uma vez que, mais do que nunca, deve revelar seu papel norteador em relação ao exercício de seu professor-estagiário.

O período de regência durante a disciplina de ESEF I contou completamente com o apoio do professor-supervisor, que sempre esteve à disposição do professor-estagiário para auxiliá-lo na seleção de materiais e elaboração de atividades e planos de aula para as aulas previstas. Dessa maneira, diz-se que a função do professor-supervisor mostrou-se fundamental, um aspecto basilar do período de estágio, sobretudo na etapa de regência.

A primeira experiência de reger uma aula às turmas de 6º e 7º se deu de modo tranquilo e sem eventuais intercorrências. A título de exceção, houveram dificuldades pontuais características de determinadas salas. Entretanto, nada que atrapalhasse de modo significativo o andamento das atividades planejadas.

As turmas de 6º ano assistiram às aulas de Citologia, aprendendo os tipos celulares principais, a formação de tecidos e órgãos que deles decorrem. Nas turmas onde não houveram registros de alunos com necessidades específicas, as aulas desenvolveram-se normalmente, o professor-estagiário lançando mão de sua metodologia habitual, sem adaptá-la profundamente.

Na turma onde foram situados os dois alunos, contudo, foi-se necessário modificações excepcionais nos modos da regência.

Em virtude de suas condições, o modo de dar aula apresentou-se, de início, um desafio. As aulas precisaram estar adaptadas às características específicas das condições dos dois alunos, de modo, também, a encontrar um meio termo para não conduzir a prática a algo excludente aos demais alunos.

Contrariando as expectativas iniciais, houve uma compreensão por parte da própria turma ao auxiliar o bom andamento da aula e também de adaptá-la juntamente com o professor. Certas dinâmicas feitas nas demais turmas precisaram ser alteradas para atender às demandas dos dois alunos, e, como resultado, houve uma devolutiva positiva por parte da grande maioria da turma, que mostrou-se aberta e empática à situação particular, visto que já era do seu convívio.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das experiências obtidas pelo referido discente, relatado nas seções anteriores, destaca-se a importância do esforço de cultivar bons vínculos em sala de aula. A geração de vínculos entre professores e alunos, até mesmo entre os próprios alunos, propicia um ambiente de ensino saudável, onde todos respeitam a si próprios e criam um canal de comunicação aberto e transparente.

Ademais, o que fora vivido revelou também a importância de tensionar as adversidades que entremeiam naturalmente a trajetória dos docentes. Os desafios e a necessidade de mudança frente às necessidades dos alunos citados, cuja experiência com os mesmos contemplada nesse relato de experiência, retratou de maneira sólida o que deve ser feito, ao contrário do que geralmente costuma-se observar como desistência: o esforço coletivo de tornar o processo de ensino-aprendizagem algo universal. Isto, por sua vez, se dá, principalmente, dos vínculos que criamos entre os

alunos e o que os incentivamos a fazer ante ao princípio natural que rege o ser humano, a sua diversidade.

## **REFERÊNCIAS**

ALENCAR, H.F de.; BARBOSA, H.F.; GOMES, R.V.B. Neurodiversidade: aspectos históricos, conceituais e impactos na educação escolar. Congresso Nacional de Educação. Realize Eventos Científicos & Editora Ltda. Campina Grande, v.2, [S.I], p2125-2142, 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

SILVA, J.G da.; DOURADO, M.M de SOUZA.; SANTIAGO, R.C de ALMEIDA. A complexidade da sala de aula. **Artefactum - Revista de Estudos de Linguagem e Tecnologia**, [S.I], v.13, n.2, p.1-13, 2016.

SCALABRIN, I.C.; MOLINARI, A.M.C. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista Unar**. Araras, v.7, n.1, p. 1-12, 2013.

SINGER, J. *Neurodiversity: the birth of an idea*. **Judy Singer Editor**. 2ed, 82p, 2017.